



Imagem Acidente de Trabalho - 1944 - Eugênio de Proença Sigaud



CONSTRUÇÃO

Chico Buarque

Amou daquela vez como se fosse a última
Beijou sua mulher como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único

E atravessou a rua com seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina
Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico
Seus olhos embotados de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado
Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
Dançou e gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
E flutuou no ar como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido
Agonizou no meio do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
Beijou sua mulher como se fosse a única
E cada filho seu como se fosse o pródigo
E atravessou a rua com seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido
Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico
Seus olhos embotados de cimento e tráfego
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina
Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
E tropeçou no céu como se ouvisse música
E flutuou no ar como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido
Agonizou no meio do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
Beijou sua mulher como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe
E se acabou no chão feito um pacote bêbado
Morreu na contramão atrapalhando o sábado



Uma relação conflituosa: Inovação tecnológica e desemprego

Jorge Mattoso

Desde a I Revolução Industrial do século XVIII, as inovações tecnológicas têm sido recorrentemente consideradas uma ameaça aos empregos, sobretudo nos Períodos de crise. Se no início os trabalhadores destruíram as primeiras máquinas têxteis, assustados com as conseqüências de sua introdução hoje há quem considere que caminhamos rapidamente em direção ao “fim do trabalho”.

No entanto, a relação entre inovação tecnológica e desemprego é bem mais complexa do que pode parecer à primeira vista, sobretudo quando se questiona a tese do determinismo tecnológico.

Resultante da concorrência entre os capitais, o objetivo da introdução das inovações elevar a produtividade e reduzir o trabalho vivo incorporado à produção parece, quando visto unicamente no âmbito de uma empresa, setor ou região, se transformar, como uma fatalidade, em desemprego e precarização do mercado de trabalho. Esses males da sociedade contemporânea parecem, então, resultar apenas da reestruturação produtiva, das novas formas de organização do trabalho, da maior utilização da inovação tecnológica em tal empresa, tal setor, tal região.

É verdade que o progresso técnico (e seu ritmo) favorece a aceleração das transformações qualitativas do trabalho (mudança da divisão técnica do trabalho, da organização do trabalho, das qualificações), assim como da distribuição setorial do emprego



(nascimento, expansão e declínio das atividades econômicas). Portanto, o conjunto de inovações surgidas nos anos 60 e 70 e que vem sendo difundido nas últimas décadas do século XX mudou a qualidade do trabalho e acelerou a destruição de velhos produtos, atividades econômicas ou formas de organização do trabalho. É evidente também que o progresso técnico sobretudo quando observado em uma empresa, num setor ou numa região pode se refletir em supressão de empregos.



No entanto, quando observamos com mais atenção o fenômeno do desemprego e da precarização das condições de trabalho, verificamos que a realidade é bem mais complexa, e por mais numerosos e verdadeiros que sejam os exemplos microeconômicos de destruição de empregos estes nada provam em âmbito macroeconômico ou nacional.

Por quê?

Porque a inovação tecnológica e a elevação da produtividade, ao mesmo tempo que destróem produtos, empresas, atividades econômicas e empregos, também criam novos produtos, empresas, empregos e até mesmo novos setores ou atividades econômicas. Em outras palavras, a inovação tecnológica, embora possa modificar a determinação do nível do emprego, não determina *a priori* seu resultado.

Este resultado, que pode ser mais emprego, consumo, tempo livre ou desemprego, é uma escolha social, historicamente determinada pelas formas de regulação do sistema produtivo e de distribuição dos ganhos de produtividade. Nesse sentido, passa também pela incorporação de outras variáveis, como o

crescimento econômico, fundamental para a geração de empregos, sobretudo se mais intenso que os ganhos de produtividade. Também torna-se relevante a análise da duração do trabalho, pois sua redução, medida pela semana (incorporando a jornada de trabalho diária), pelo ano (considerando a ampliação das férias e os feriados) ou pela vida ativa (integrando os efeitos da ampliação da escolaridade, da redução da idade para aposentadoria, períodos de licença etc.), pode favorecer a geração de mais postos de trabalho.

Uma equação bastante simples, em taxas de crescimento, pode representar este processo complexo: EMPREGO = PRODUÇÃO PRODUTIVIDADE DURAÇÃO DO TRABALHO.

8. Processo de introdução da Primeira grande leva de inovações tecnológicas na produção Capitalista. Esta primeira mecanização é geralmente identificada com a incorporação de máquinas à produção têxtil.

Taxas médias anuais de crescimento do PIB, emprego, produtividade, demanda e acumulação - EUA e União Européia - 1960 - 73 e 1980 - 1999

PERÍODO	EMPREGO	PIB	PRODUTIVIDADE ²	DEMANDA	ACUMULAÇÃO ³
1960 - 1973	2,2	5,4	3,7	5,2	6,3
1980 - 1999 ¹	1,0	2,6	0,9	2,5	2,9

Fonte: OECD Economic Outlook.

(1) Dados estimados e projetados para 1998 e 1999.

(2) *Business sector* ref. Período 1979 - 1997.

(3) Formação bruta de Capital Fixo.



Em outras palavras, a taxa de expansão do emprego depende sobretudo de a capacidade da taxa de crescimento econômico superar as taxas de incremento da produtividade e da duração do trabalho. O que efetivamente ocorre então e qual é o saldo desse processo?

Durante o pós-Segunda Guerra a dinâmica da demanda impulsionou de maneira decisiva o crescimento da produção e da produtividade. Alavancados pelo investimento, os ganhos de produtividade favoreceram o crescimento econômico. Este circuito virtuoso de crescimento foi acompanhado por uma apropriação dos ganhos de produtividade pelos trabalhadores (mediante a redução da jornada de trabalho e a elevação do poder de compra dos salários) e pelo Estado (por meio da elevação da arrecadação e dos gastos públicos). A maior disponibilidade de tempo e dinheiro pelos trabalhadores e a ampliação dos gastos públicos favoreceram o crescimento das atividades de serviços públicos (saúde, educação etc.) e privados (grande comércio, turismo, lazer etc.), que contribuíram acentuadamente para o crescimento do emprego. Em outras palavras, nesse período o emprego tendeu a crescer mais naqueles países que apresentaram mais intenso crescimento econômico diante das elevadas taxas de produtividade e/ou apresentaram mais intensa redução da jornada intensa redução da jornada de trabalho.

As últimas décadas têm sido teatro de acentuada globalização com intensificação dos fluxos financeiros internacionais, acirramento da concorrência e cres-

cente integração entre as economias nacionais, com a emergência de um padrão de acumulação dominado pela esfera financeira, em crise estrutural.

Nesse novo padrão financeirizado, sob hegemonia dos credores e com uma hierarquia com evidentes vantagens para os países do núcleo central da economia mundial, em especial os Estados Unidos, tornaram-se mais baixas as taxas de crescimento, investimento, produtividade e consumo. Em contrapartida, os ganhos de produtividade vêm sendo apropriados pelo capital financeirizado, tendo-se paralisado *grosso modo* o processo de redução do tempo de trabalho, de elevação do salário real e dos gastos públicos. O menor crescimento da produção e por mais paradoxal que pareça em meio a um novo sistema tecnológico - também dos ganhos de produtividade ocorreu tanto na indústria como nos serviços.

Embora a redução das taxas de crescimento da produção e da produtividade tenham sido intensas, não o foram na mesma proporção. *O saldo do emprego foi negativo ou insuficiente para assegurar a incorporação dos novos ingressantes (e, portanto, fez crescer o desemprego e/ou a precarização) nos países que apresentaram taxas de crescimento econômico mais medíocres relativamente à expansão da produtividade.*

Em resumo, se o desemprego e a precarização ocorrem, não tem sido por causa da inovação tecnológica e da produtividade, mas devido a um crescimento econômico medíocre e à estagnação do tempo de trabalho.



Taxas médias anuais de crescimento do PIB, emprego, produtividade, deman-

da e acumulação – EUA e União Europeia – 1960-73 e 1980-1999 ■

PAÍS	INDICADORES	1960 - 1973	1980 - 1999 ¹
EUA	PIB	3,9	2,5
	EMPREGO	1,8	1,5
	DESEMPREGO	4,8	6,6
	PRODUTIVIDADE ²	2,6	0,9
	DEMANDA	3,9	2,7
	ACUMULAÇÃO	4,5	2,9
UNIÃO EUROPEIA	PIB	4,7	2,1
	EMPREGO	0,3	0,3
	DESEMPREGO	2,6	9,7
	PRODUTIVIDADE ²	5,1	1,9
	DEMANDA	5,2	2,0
	ACUMULAÇÃO	5,6	1,9

Fonte: OECD Economic Outlook.

(1) Dados estimados e projetados para 1998 e 1999.

(2) Ref. Período 1979 - 1997.

Extraído do livro de: Mattoso, Jorge. O Brasil desempregado. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1999.



A MÁQUINA EXTRAVIADA

José J. Veiga

Você sempre pergunta pelas novidades daqui deste sertão, e finalmente posso lhe contar uma importante. Fique o compadre sabendo que agora temos aqui uma máquina imponente, que está entusiasmando todo o mundo. Desde que ela chegou, não me lembro quando, não sou muito bom em lembrar datas, quase não temos falado em outra coisa; e da maneira que o povo aqui se apaixonou até pelos assuntos mais infantis, é de admirar que ninguém tenha brigado ainda por causa dela, a não ser os políticos.

A máquina chegou uma tarde, quando as famílias estavam jantando ou acabando de jantar, e foi descarregada na frente da Prefeitura. Com os gritos dos choferes e seus ajudantes (a máquina veio em dois ou três caminhões) muita gente cancelou a sobremesa ou o café e foi ver que algarra era aquela. Como geralmente acontece nessas ocasiões, os homens estavam mal-humorados e não quiseram dar explicações, esbarravam propositalmente nos curiosos, pisavam-lhes os pés e não pediam desculpas, jogavam pontas de cordas sujas de graxa por cima deles, quem não quisesse se sujar ou se machucar que saísse do caminho.

Descarregadas as várias partes da máquina, foram elas cobertas com ence-

rados e os homens entraram num botequim do largo para comer e beber. Muita gente se amontoou na porta mas ninguém teve coragem de se aproximar dos estranhos porque um deles, percebendo essa intenção nos curiosos, de vez em quando enchia a boca de cerveja e esguichava na direção da porta. Atribuímos essa esquivas ao cansaço e à fome deles e deixamos as tentativas de aproximação para o dia seguinte; mas quando os procuramos de manhã cedo na pensão, soubemos que eles tinham montado mais ou menos a máquina durante a noite e viajado de madrugada.

A máquina ficou ao relento, sem que ninguém soubesse quem a encomendara nem para que servia. É claro que cada qual dava o seu palpite, e cada palpite era tão bom quanto outro.

As crianças, que não são de respeitar mistério, como você sabe, trataram de aproveitar a novidade. Sem pedir licença a ninguém (e a quem iam pedir?), retiraram a lona e foram subindo em bando pela máquina acima, até hoje ainda sobem, brincam de esconder entre os cilindros e colunas, embaraçam-se nos dentes das engrenagens e fazem um berreiro dos diabos até que apareça alguém para soltá-las; não



adiantam ralhos, castigos, pancadas; as crianças simplesmente se apaixonaram pela tal máquina.

Contrariando a opinião de certas pessoas que não quiseram se entusiasmar, e garantiram que em poucos dias a novidade passaria e a ferrugem tomaria conta do metal, o interesse do povo ainda não diminuiu. Ninguém passa pelo largo sem ainda parar diante da máquina, e de cada vez há um detalhe novo a notar. Até as velhinhas de igreja, que passam de madrugada e de noitinha, tossindo e rezando, viram o rosto para o lado da máquina e fazem uma curvatura discreta, só faltam se benzer. Homens abrutalhados, como aquele Clodoaldo seu conhecido, que se exhibe derrubando boi pelos chifres no pátio do mercado, tratam a máquina com respeito; se um ou outro agarra uma alavanca e sacode com força, ou larga um pontapé numa das colunas, vê-se logo que são bravatas feitas por honra da firma, para manter fama de corajoso.

Ninguém sabe mesmo quem encomendou a máquina. O prefeito jura que não foi ele, e diz que consultou o arquivo e nele não encontrou nenhum documento autorizando a transação. Mas mesmo assim não quis lavar as mãos, e de certa forma encampou a compra quando designou um funcionário para zelar pela máquina.

Devemos reconhecer – aliás todos reconhecem – que esse funcionário tem dado

boa conta do recado. A qualquer hora do dia, e às vezes também de noite, podemos vê-lo trepado lá por cima espanando cada vão, cada engrenagem, desaparecendo aqui para reaparecer ali, assoviando ou cantando, ativo e incansável. Duas vezes por semana ele aplica caol nas partes de metal dourado, esfrega, esfrega, sua, descansa, esfrega de novo – e a máquina fica faiscando como jóia.

Estamos tão habituados com a presença da máquina ali no largo, que se um dia ela desabasse, ou se alguém de outra cidade viesse buscá-la, provando com documentos que tinha direito, eu nem sei o que aconteceria, nem quero pensar. Ela é o nosso orgulho, e não pense que exagero. Ainda não sabemos para que ela serve, mas isso já não tem importância. Fique sabendo que temos recebido delegações de outras cidades, do estado e de fora, que vêm aqui para ver se conseguem comprá-la. Chegam como quem não quer nada, visitam o prefeito, elogiam a cidade, rodeiam, negaceiam, abrem o jogo: por quanto cederíamos a máquina. Felizmente o prefeito é de confiança e é esperto, não cai na conversa macia.

Em todas as datas cívicas a máquina é agora uma parte importante das festividades. Você se lembra que antigamente os feriados eram comemorados no coreto ou no campo de futebol, mas hoje tudo se passa ao pé da máquina. Em tempo de eleição todos os can-



didatos querem fazer seus comícios à sombra dela, e como isso não é possível, alguém tem de sobrar, nem todos se conformam e sempre surgem conflitos. Mas felizmente a máquina ainda não foi danificada nesses esparramos, e espero que não seja.

A única pessoa que ainda não rendeu homenagem à máquina é o vigário, mas você sabe como ele é ranzinza, e hoje mais ainda, com a idade. Em todo caso, ainda não tentou nada contra ela, e ai dele. Enquanto ficar nas censuras veladas, vamos tolerando; é um direito que ele tem. Sei que ele andou falando em castigo, mas ninguém se impressionou.

Até agora o único acidente de certa gravidade que tivemos foi quando um caixeiro da loja do velho Adudes (aquele velhinho espigado que passa brilhantina no bigode, se lembra?) prendeu a perna numa engrenagem da máquina, isso por culpa dele mesmo. O rapaz andou bebendo em uma serenata, e em vez de ir para casa achou de dormir em cima da máquina. Não se sabe como, ele subiu à plataforma mais alta, de madrugada rolou de lá, caiu em cima de uma engrenagem e com o peso acionou as rodas. Os gritos acordaram a cidade, correu gente para verificar a causa, foi preciso arranjar uns barrotes e labancas para dasandar as rodas que estavam mordendo a perna do rapaz. Também dessa vez a

máquina nada sofreu, felizmente. Sem a perna e sem o emprego, o imprudente rapaz ajuda na conservação da máquina, cuidando das partes mais baixas.

Já existe aqui um movimento para declarar a máquina monumento municipal – por enquanto. O vigário, como sempre, está contra; quer saber a que seria dedicado o monumento. Você já viu que homem mais azedo?

Dizem que a máquina já tem feito até milagre, mas isso – aqui para nós – eu acho que é exagero de gente supersticiosa, e prefiro não ficar falando no assunto. Eu – e creio que também a grande maioria dos munícipes – não espero dela nada em particular; para mim basta que ela fique onde está, nos alegrando, nos inspirando, nos consolando.

O meu receio é que, quando menos esperarmos, desembarque aqui um moço de fora, desses despachados, que entendem de tudo, olhe a máquina por fora, por dentro, pense um pouco e comece a explicar a finalidade da máquina, e para mostrar que é habilidoso (ele são sempre muito habilidosos) peça na garagem um jogo de ferramentas, e sem ligar a nossos protestos se meta por baixo da máquina e desande a apertar, martelar, engatar, e a máquina comece a trabalhar. Se isso acontecer, estará quebrado o encanto e não existirá mais máquina. ■

Debate sobre Qualificação Profissional

CONSULTÓRIO
} Psiquiátrico {
2 2 2 2 2

"Desde que comecei quando
fiz a Qualificação profissional
e, não conseguia emprego
ai... Bla, Bla, Bla..."



Roziane dos Santos "B" - CONTRACS - Espírito Santo



Todo cambia

Julio Numhauser

Cambia lo superficial,
cambia también lo profundo,
cambia el modo de pensar,
cambia todo en este mundo.

Cambia el clima con los años,
cambia el pasto y su rebaño
y así como todo cambia,
que yo cambie no es extraño.

Cambia el más fino brillante,
de mano en mano su brillo,
cambia el nido el pajarillo,
cambia el sentir un amante.

Cambia el rumbo el caminante,
aunque esto le cause daño,
y así como todo cambia,
que yo cambie no es extraño.

Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia
Cambia, todo cambia

Cambia el sol en su carrera,
cuando la noche subsiste,
cambia la planta y se viste
de verde la primavera.

Cambia el pelaje la fiera,
cambia el cabello el anciano,
y así como todo cambia,
que yo cambie no es extraño.

Pero no cambia mi amor,
por más lejos que me encuentre,
ni el recuerdo, ni el dolor
de mi pueblo y de mi gente.

Lo que cambió ayer
tendrá que cambiar mañana,
así como cambio yo
en estas tierras lejanas.



CANCIÓN CON TODOS

A. Tejada Gómez - C. sella

Salgo a caminar
por la cintura cósmica del Sur.
eso en la región
más vegetal del viento y de la luz;
siento al caminar
toda la piel de América en mi piel
y anda en mi sangre un río
que libera en mi voz su caudal.

Sol de Alto Perú,
rostro Bolivia, estaño y soledad;
un verde Brasil
besa a mi Chile cobre y mineral,
subo desde el sur
hacia la entraña América y total,
pura raíz de un grito
destinado a crecer y estallar.

Todas las vocês, todas;
todas las manos, todas;
toda la sangre puede
ser canción en el viento.
Canta conmigo, canta,
hermano americano,
libera tu esperanza
con un grito en la voz.



VAIVÉM DA CIÊNCIA

Novas pesquisas que contradizem certezas médicas confundem os pacientes e criam modismos perigosos

Cristina Poles

Uma hora os cientistas anunciam: quem consome quatro ou mais xícaras de café por dia está no caminho mais curto para a hipertensão. Outra, que a cafeína é um potente analgésico contra a dor de cabeça. Ou, ainda, que chocolate – meio amargo, diga-se – faz bem ao coração. Mas, cuidado, pois ao mesmo tempo causa obesidade e todas as complicações associadas ao excesso de peso. Quem se pauta pelas últimas novidades da ciência em nome de uma vida saudável tem razões de sobra para estar confuso. Em média, 10 000 estudos de medicina clínica são divulgados a cada semana. Alguns deles colocam em dúvida a eficácia ou a segurança de substâncias e tratamentos consagrados por trabalhos anteriores – e avidamente adotados por muitos pacientes. Não se trata de um processo perverso. Ao contrário, cada pesquisa carrega a possibilidade de ampliar o conhecimento das doenças e dos métodos de cura. Mas como explicar isso para alguém que apostou seu bem-estar numa substância que mais tarde seria desmascarada como perniciosa à saúde?

Um episódio de grande repercussão no momento envolve mudanças dramáticas em muito do que se sabia até agora sobre terapia hormonal. Até poucas semanas atrás, os médicos acreditavam que as doses extras de hormônios prescritas para atenuar os sintomas típicos da menopausa e proteger a

mulher da osteoporose também diminuíssem o risco de infartos. Uma pesquisa patrocinada pelo governo americano, com 25 000 mulheres de 50 a 79 anos, chegou à conclusão de que a reposição hormonal pode ter efeito oposto ao que se imaginava – ao menos no que diz respeito às doenças cardiovasculares. Iniciado há dois anos pela organização Women's Health Initiative, trata-se do primeiro grande estudo clínico da eficácia da terapia com hormônios na prevenção dos males cardíacos. A resposta definitiva só virá em 2005, mas o anúncio do resultado preliminar foi o bastante para causar pânico nos Estados Unidos, onde 20 milhões de mulheres se submetem à terapia com hormônios sintéticos.

No Brasil não há números precisos sobre quantas mulheres adotam essa medida. Pode-se, contudo, ter idéia da amplitude dos tratamentos de reposição hormonal pelos dados de um dos medicamentos contendo estrógeno e consumido por 250 000 brasileiras. A popularização dessa terapia é um excelente exemplo de como certas especulações científicas são tomadas ao pé da letra e se tornam modismo, inclusive entre os médicos. Inicialmente, os estudos sobre a terapia de reposição hormonal tinham por objetivo comprovar a eficácia no combate aos sintomas clássicos da menopausa. Os supostos benefícios para a saúde das coronárias surgiram de evidências indiretas.



Não se levou em conta que essas mulheres geralmente têm elevado nível de escolaridade, fumam pouco, adotam dietas balanceadas e praticam exercícios. Como saber quais desses fatores estavam protegendo o coração? Pelo que mostra o novo estudo, não era o estrógeno. É bom esclarecer, antes que se instale novo furor sem sustentação científica, que a reposição hormonal não significa uma condenação fatal. “A elevação nos riscos de infarto e derrame foi muito pequena, de apenas 1%”, diz o médico Jacques Rossouw, diretor da pesquisa. “O importante é saber que, pelo menos nos dois primeiros anos de uso, o estrógeno não protege contra infartos.”

Uma hipótese de cada vez – A produção científica passa por um período muito peculiar. Nunca na história da humanidade houve tantos cientistas, tantas pesquisas em andamento e tanta gente interessada em seus resultados. Por ano, são publicados de 800 000 a 900 000 estudos em revistas especializadas. O Brasil responde por 1% desse total. Pode parecer pouco, mas é o dobro do que o país produzia há dez anos. Estima-se que a indústria farmacêutica invista 20% do faturamento global na pesquisa de novos medicamentos. Com tanta novidade sendo anunciada em ritmo alucinante, é compreensível que as pessoas se embaralhem na hora de decidir como lidar com a saúde. Os próprios médicos são presas da propaganda dos laboratórios e das pesquisas de maior repercussão. A única defesa possível é desconfiar de tratamentos milagrosos que surgem da noite para o dia. A experiência mostra que ciência séria não se faz de uma hora para outra.

O consumo medicinal de vinho tinto é um

bom exemplo disso. Um grupo de pesquisadores da prestigiada Universidade Harvard recomendou uma taça diária da bebida para o bom funcionamento do coração. Experiências em laboratórios mostraram que o vinho aumentava as taxas de colesterol bom, o HDL, no sangue. Em seguida, surgiu outro trabalho revelando que a bebida poderia elevar a pressão sanguínea. “Quando se trata de temas complexos, é preciso investigar uma hipótese de cada vez”, diz Eduardo Moacyr Krieger, presidente da Academia Brasileira de Ciências. Não é assim, infelizmente, que o resultado de muitos trabalhos chega ao grande público. Os pesquisadores, sobretudo os americanos, que têm contas a prestar aos financiadores da pesquisa e, algumas vezes, aos investidores da bolsa de valores, estão ansiosos para mostrar resultados. Trabalhos apenas parciais são propagandeados como verdades absolutas.

Quando se investiga a ação de determinados alimentos ou os efeitos secundários de um medicamento sobre o organismo, os resultados tendem a ser sutis e demorados. Levou-se quase um século para perceber que a aspirina também protege o coração. Uma das áreas mais estudadas atualmente é a da nutrição. Trata-se, por sinal, de uma das mais difíceis para obter resultados claros e imediatos. Durante cerca de quatro anos, pesquisadores americanos do Instituto Nacional do Câncer e da Universidade do Arizona acompanharam 3 500 pessoas. Todas seguiam uma dieta com alto teor de fibras e baixa concentração de gordura – exatamente a alimentação que se acreditava ideal para prevenir o câncer de intestino. Divulgados recentemente na conceituada revis-



ta *The New England Journal of Medicine*, os estudos mostram que o regime alimentar não evita o surgimento de pólipos que podem levar ao câncer. Assustados com o possível efeito da novidade sobre os pacientes, os médicos apressaram-se em advertir que, por enquanto, nada mudou. Dietas ricas em fibras e pobres em gordura podem não combater os tumores malignos de intestino, como se pensava, mas ainda são as mais saudáveis. Trazem benefícios comprovados contra doenças cardíacas, diabetes e obesidade. "Percebeu-se que esse tipo de alimentação não é eficaz a curto prazo, mas ainda não se sabe se evita o câncer a longo prazo", diz Arthur Schatzkin, do Instituto Nacional do Câncer. "Alguns tumores levam mais de dez anos para se desenvolver."

É natural que tanta gente, ansiosa por remédios que ajudem a viver melhor, se deixe impressionar com resultados precoces de trabalhos médicos. "Há uma enorme diferença entre uma pesquisa de laboratório, feita com animais, e uma avaliação controlada de um grande grupo de pessoas", diz Irineu Tadeu Velasco, diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Mesmo assim, muitos pesquisadores divulgam suas descobertas feitas com cobaias como se elas valessem, sem restrições, para todo mundo. Um alimento pode breçar o câncer em ratinhos, mas não necessariamente fará o mesmo com seres humanos. "Muita gente tem interesses comerciais em divulgar estudos precocemente, ainda na fase de laboratório", diz Krieger. Afinal, tratamentos inédi-

tos, alimentos anunciados como milagrosos, substâncias recém-descobertas ou novos suplementos nutricionais podem render milhões de dólares em vendas de livros ou produtos. Para não enlouquecer no meio de tantas descobertas médicas nem se deixar levar por um resultado precoce ou insignificante de uma pesquisa, é aconselhável considerar apenas o que já é consenso entre as sociedades científicas. "São elas que avaliam as novas levas de trabalhos e fazem a recomendação final do que os médicos e pacientes devem seguir", pondera Jorge Kalil, presidente da Comissão de Ética em Pesquisa do Hospital das Clínicas de São Paulo.

Um ótimo exemplo de como a divulgação precoce de um fato pode fazer estragos ocorreu nos Estados Unidos com um artigo publicado na revista científica *Pediatrics*, em 1972. A pesquisa sobre a síndrome da morte súbita aconselhava os pais a equipar os berços com uma parafernália eletrônica para monitorar o sono das crianças. Foi a origem de uma verdadeira indústria de vigilância dos pequeninos, apesar de a morte de cinco crianças de uma mesma família americana apontar para a origem genética do problema. Na hora de colocá-los para dormir, era preciso seguir uma lista de recomendações. Muitos anos depois, descobriu-se que os cinco bebês usados como base para o estudo haviam sido assassinados. Os editores da *Pediatrics* tiveram de se desculpar pelo erro, mas àquela altura os pais já tinham gasto fortunas em babás eletrônicas e passado noites em claro à toa. ■

TIBAGI: UM RIO DE HISTÓRIA

O ser humano mantém uma forte relação com os rios. As civilizações nasceram nos vales e nas planícies entre dois grandes rios. A vegetação, a fauna e o clima das bacias hidrográficas definem a alma de seus moradores. Os rios trazem a vida, nas águas e nos sais e húmus que escorrem das encostas e da várzeas inundadas. E os rios são caminhos que ligam lugares e pessoas. Os vales por onde eles correm são nossas pátrias mais íntimas. Os rios são o centro da-

quele conjunto de realidades que são as primeiras a habitar os nossos olhos e as últimas a deixar a nossa memória, quando deixamos a vida. O Tibagi é o nome de nossa pátria mais íntima. "Tiba" significa muito e "Gy" cachoeiras, ou seja, Tibagi é um rio com muitas cachoeiras. Nascendo na Serra das Almas, entre os municípios de Palmeira e Ponta Grossa, o Tibagi e sua bacia hidrográfica é um poço de história: somente nas três áreas indígenas estudiosos identifi-





caram 53 sítios e ocorrências arqueológicas (lugares com evidências de antigas civilizações), além de ser riquíssimo em evidências de populações indígenas que remontam a 6 ou 7 mil anos atrás, sem contar a riqueza histórica da presença europeia iniciada no século XVI, a partir de 1550. Estas informações foram esquecidas pelos autores do Estudo e Relatório de Impacto Ambiental (EIA-RIMA), uma das exigências para a construção de projetos de grande impacto ambiental e social,

como as hidrelétricas. O EIA-RIMA do projeto hidrelétrico do Tibagi foi reconhecido pelos próprios autores e pelo Ministério Público do Paraná e outras entidades e estudiosos, como uma falsidade científica e ética que tem como objetivo favorecer ideologicamente as empresas interessadas na construção de hidrelétricas. As águas do Rio Tibagi, além disso, são usadas pelos sistemas de abastecimento urbano de várias cidades, principalmente Londrina e Ponta Grossa. ■

Texto extraído do Jornal 16° Romaria da Terra do Paraná.

A BIODIVERSIDADE E RIQUEZA NATURAL

Um índio sem o rio não é nada. É na água corrente que ele prepara o “pari”, uma tradição cultural ligada à pesca, uma das fontes de vida dos indígenas. Mesmo com as poucas informações disponíveis, vários estudiosos estão preocupados com a destruição irremediável do patrimônio natural do Tibagi que é resultado de milhões de anos, caso a hidrelétrica for construída. Os peixes do Tibagi, por exemplo, vêm sendo estudados desde 1989 e já foram identificadas 108

espécies diferentes. O fenômeno da piracema, que é a reprodução de muitas espécies de peixes, será impedido pelo muro da barragem e muitas espécies deixarão de existir. A fauna e a flora são uma riqueza imensa do Tibagi e alvo de disputas internacionais, já que guardam informações valiosíssimas para o futuro da humanidade e por isso, devem ser preservadas. O Rio Tibagi, um dos maiores e um dos últimos a correr livremente no Paraná, corre perigo. ■

Texto extraído do Jornal 16° Romaria da Terra do Paraná.



ELOGIO DA LENTIDÃO

Milton Santos

O mundo de hoje parece existir sob o signo da velocidade. O triunfo da técnica, a onipresença da competitividade, o deslumbramento da instantaneidade na transmissão e recepção de palavras, sons e imagens e a própria esperança de atingir outros mundos contribuem, juntos, para que a idéia de velocidade esteja presente em todos os espíritos e a sua utilização constitua uma espécie de tentação permanente. Ser atual ou eficaz, dentro dos parâmetros reinantes, conduz a considerar a velocidade como uma necessidade e a pressa como uma virtude. Quanto aos demais não incluídos, é como se apenas fossem arrastados a participar incompletamente da produção da história. Sem dúvida, a maioria das pessoas, das empresas e das instituições não se utiliza das velocidades exponenciais tecnicamente possíveis e muitos continuam a sobreviver na lentidão, mas isso não impede que o ideário dominante, em todos os arcanos da vida social, sugira uma existência com ritmos cada vez mais acelerados. Paralelamente, aquela questão do "fixo tecnológico", fulcro de tantas discussões teóricas nos anos 60 e 70, retoma atualidade.

Dizia-se que a entrada de um país na linhagem das nações desenvolvidas dependia da aceitação de condições tecnológicas então consideradas modernas, sem as quais a presença atuante no plano internacional seria impossível. Mas havia, também, os que discutiam e recusavam essa premissa, afirmando que tecnologias intermediárias seriam capazes de dar conta, satisfatoriamente,

do processo de crescimento de um determinado país. Era um tempo diferente do atual e no qual o debate civilizatório impedia o triunfo do pensamento único.

(...)

A necessidade, sempre presente, de competir por um mercado que é uma permanente fuga para a frente conduz a essa espécie de endeusamento da técnica, autorizando os agentes vitoriosos a manter sua posição de superioridade sobre os demais. Na medida em que as grandes empresas transnacionais ganharam dimensões planetárias, a tecnologia se tornou um credo generalizado, assim como a velocidade. Ambas passam a fazer parte do catecismo da nova fé.

Todos acabam aceitando como verdade essa premissa. Ser ultramoderno impõe-se como uma ilusão generalizada, e o tempo desejado é o tempo da nova técnica. Seu ideário se alimenta de uma construção ideológica elaborada de forma sistêmica, mas que é apenas diretamente funcional para um pequeno número de atores privilegiados. De fato, somente algumas pessoas, firmas e instituições são altamente velozes. O resto da humanidade, em todos os países, vive e produz de uma outra maneira.

Essa velocidade exacerbada, própria a uma minoria, não tem e nem busca sentido. Serve à competitividade desabrada, coisa que ninguém sabe para o que realmente serve, de um ponto de vista moral ou social. Fruto das necessidades empresariais de apenas um punhado de firmas, tal velocidade põe-



se a serviço da política de tais empresas. E estas arrastam a política dos Estados e das instituições supranacionais. E aí se situa a matriz de um grave equívoco. Porque, vista historicamente, a técnica não é um absoluto.

Aliás, em seu estado absoluto, a técnica jamais foi realizada. Todas as vezes em que deixa de ser um capítulo da ciência para transformar-se em história, ela se relativiza. Por isso, a velocidade hegemônica atual, do mesmo modo que aquelas que a precederam -e tudo o que vem com ela e que dela decorre- é apreciável, mas não imprescindível. Não é certo que haja um imperativo técnico, o imperativo é político. A velocidade utilizada é um dado da política, e não da técnica. Daí a emergência possível de uma pergunta de ordem prática: será mesmo impossível limitar a velocidade dos mais velozes, isto é, dos mais fortes? Ou, em todo caso, poderíamos limitar essa força dos mais fortes?

(...)

São usos múltiplos marcados por diferentes velocidades e pela utilização de técnicas as mais diversas, maneira de deixar que o território nacional constitua uma verdadeira casa coletiva, um abrigo para todos, empresas, instituições e homens. Somente dessa forma, soluções de convivência plenas ou sequiosas de humanidade são possíveis.

Não se trata de pregar o desconhecimento da modernidade -ou uma forma de regresso ao passado-, mas de encontrar as combinações que, segundo as circunstâncias próprias a cada povo, a cada região, a cada lugar, permitam a construção do bem-estar coletivo. É possível dispor da maior

velocidade tecnicamente possível no momento e não utilizá-la. É possível fruir da modernidade nova, atual, sem ser obrigatoriamente o mais veloz.

Numa situação em que se combinam técnicas e tempos e velocidades diferentes, sem que um deles obrigatoriamente arraste os demais, se impõem forçosamente soluções políticas que não passem obrigatoriamente pela economia e suas conhecidas paixões inferiores.

A velocidade não apenas se define a partir do tempo utilizado para superar as distâncias. A questão é a de encontrar, para a palavra velocidade, equivalentes na prática social e política.

Acreditamos que a noção de cidadania se possa prestar à discussão aqui proposta, desde que a consideremos em sua tríplice significação: cidadania social, econômica e política. Quanto mais se afirmam essas diversas vertentes da cidadania, maior é a garantia de que a "velocidade" pode ser limitada, ao mesmo tempo em que os benefícios da modernidade encontram a possibilidade de uma difusão democrática. Será dessa forma que, num primeiro momento, serão reforçadas as individualidades fortes, provocando a necessidade de uma informação veraz, criando limites à propaganda invasora e enganosa, tudo isso se dando paralelamente a uma renovação do papel do Estado nacional. ■

(...)

Milton Santos é geógrafo, professor emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, autor, entre outros livros, de "Por uma Outra Globalização" (Record).